



DESPORTO E A BUSCA DA CONDIÇÃO HUMANA

Resumo - O contexto de crise com o qual temos vindo a ser confrontados é novo, complexo e com consequências imprevisíveis. Nesta conjuntura, alguns problemas éticos que emergem sobre o desporto têm um significado inegável e envolvem interrogações sobre o que é justo ou injusto, correto ou incorreto, uma vez que ele expressa um modo de luta pela excelência, incute virtudes importantes como a persistência, a dedicação e a coragem, e revela a beleza do que o corpo humano pode realizar e expressar. Assim, é necessário ponderar sobre algumas questões éticas que o desporto enfrenta na atualidade e que deverão estar no centro das atenções dos agentes desportivos. Nesse sentido, este ensaio pretende refletir sobre o papel do desporto na busca da condição humana nos tempos atuais e vindouros.

Palavras-chave: desporto; ética; formação; Jogos Olímpicos.

SPORT AND THE SEARCH FOR THE HUMAN CONDITION

Abstract – The crisis context with which we have been confronted is new, complex and with unpredictable consequences. At this juncture, some ethical problems that emerge about sport have an undeniable meaning and involve questions about what is fair or unfair, correct, or incorrect, since it expresses a way of striving for excellence, instilling important virtues such as persistence, dedication, and courage, and reveals the beauty of what the human body can accomplish and express. Thus, it is necessary to consider some ethical issues that sport faces today and that should be at the center of attention of sports agents. In this sense, this essay intends to reflect on the role of sport in the search for the human condition in current and future times.

Keywords: sport; ethic; formation; Olympic Games.

EL DEPORTE Y LA BÚSQUEDA DE LA CONDICIÓN HUMANA

Resumen - El contexto de crisis al que nos hemos enfrentado es nuevo, complejo y de consecuencias impredecibles. En esta coyuntura, algunos problemas éticos que surgen sobre el deporte tienen un significado innegable e involucran preguntas sobre lo que es justo o injusto, correcto o incorrecto, ya que expresa una forma de luchar por la excelencia, inculcando virtudes importantes como la perseverancia, la dedicación y el coraje. y revela la belleza de lo que el cuerpo humano puede lograr y expresar. Por ello, es necesario considerar algunas cuestiones éticas a las que se enfrenta el deporte en la actualidad y que deberían estar en el centro de atención de los agentes deportivos. En este sentido, este ensayo pretende reflexionar sobre el papel del deporte en la búsqueda de la condición humana en los tiempos actuales y futuros.

Palabras-clave: deporte; ética; formación; Juegos Olímpicos.

*Antonino Manuel
Pereira*

*Instituto Politécnico de
Viseu*

*Escola Superior de
Educação, Portugal*

apereira@esev.ipv.pt

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v5.id125](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id125)*

Recebido: 11 mai 2021

Aceito: 26 mai 2021

Publicado: 15 jun 2021

Introdução

Nas últimas décadas, o desporto tem evoluído de tal forma nos contextos económico, social e cultural que hoje é um dos símbolos mais representativos do século XXI. Porém, importa refletir sobre os trajetos que o desporto tem vindo a percorrer. Nessa perspectiva, não podemos esquecer que as pessoas (crianças, jovens, adultos, idosos e cidadãos com deficiência) estão a ser chamados para a prática do desporto. As questões que se colocam são diversas, entre as quais salientamos: que desporto está a fazer essa chamada? O mesmo desporto que depois dos primeiros testes às suas capacidades, manda embora os jovens? Que os elimina e não mais quer saber daqueles que não são ‘habilitados’? É o desporto das ‘vitórias a todo o custo’, dos antagonismos entre clubes, das vedetas, dos conflitos, da violência, dos sensacionalismos, das servidões e de outros aspetos negativos?

Tal como afirma o Presidente do Comité Olímpico de Portugal, a transformação do desporto num novo segmento de atividade económica, a orientação do espetáculo desportivo submetido às leis do mercado, a invasão de projetos associados a capitais de risco ou a entrada de capital financeiro de origem problemática suscita um conjunto de fenómenos que são preocupantes¹. Tais mudanças introduziram fatores de perturbação nos valores matriciais do desporto e colocou em crise alguns dos dogmas que durante décadas marcaram a sua identidade.

Ora este tipo de desporto nada tem a ver com ideal de *aretê* dos gregos. Tal como refere Garcia², a Grécia deve ser, tem que ser, referenciada para legitimar discursos ou comportamentos dado que se assume como uma espécie de reserva moral da nossa sociedade. Verificamos também que o desenvolvimento do desporto nas últimas décadas consagrou um outro tipo de homem que não aquele olímpico defendido por Coubertin. Muitas vezes a procura do recorde, da vitória, da fama de ser um Deus, ultrapassa largamente a barreira da ética.

Nos últimos tempos, encontrando-se a sociedade numa situação de crise³, fundamentalmente numa crise de sentido para o ser humano, tornam-se necessários sistemas de valores que orientem a vida dos homens em relação às ideias de ‘bem’ e de ‘mal’, exigindo-se, por isso, uma convocação da ética, apelando à responsabilização de todos os saberes e, particularmente, o saber educativo. No mesmo sentido, Patrício⁴ afirma que a nossa época apresenta uma tremenda labilidade axiológica.

Por outro lado, a pandemia do coronavírus veio colocar mais questões e gerar muita incerteza. De acordo com Santos⁵ o mundo foi invadido por uma sensação de estar a viver em ruínas ou perante uma paisagem de fundações em colapso. Tudo que é (ou parecia) sólido se desfaz no ar e o sentimento da fragilidade do ser humano é acentuado.

Apesar disso, e segundo afirma o filósofo Edgar Morin⁶ “não podemos passar sem ideias mestras, sem ideias-forças (p.270)”. Como tal, é importante saber quais os tipos de princípios (éticos, filosóficos, culturais, pedagógicos) que norteiam a atuação de todos os atores envolvidos no mundo do desporto.

O desporto necessita, pois, de efetuar uma ampla reflexão, de ser defendido, perante os seus desvios. Perante esta contextualização, este ensaio pretende refletir sobre qual é o papel e qual é a mais valia do desporto na construção da condição humana na atualidade e no porvir.

O desporto perante desafios

O desporto tem um impacto significativo na sociedade moderna. O interesse público pelo desporto elite é imenso. Eventos como os Jogos Olímpicos e o Campeonato Mundial de Futebol, atraem a atenção e a presença de milhões de pessoas por todo o mundo. O seu potencial individual e social é imenso. Por outro lado, pode constituir-se como fator de educação moral, de desenvolvimento de valores comunitários e de integração social.

Não obstante, nos últimos tempos têm surgido alguns comportamentos negativos associados à falta de ética no desporto os quais correm o risco de manchar a imagem do desporto e assim desacreditar os seus princípios e valores. Por outro lado, temos vindo a assistir a certos desenvolvimentos acerca de algumas temáticas que nos fazem reexaminar sobre o futuro do desporto.

Entre tais temáticas, poderemos sublinhar a violência no desporto⁷, o doping⁸, a corrupção, as apostas ilegais e os resultados combinados⁹, a engenharia genética¹⁰ e a governança no desporto¹¹.

Por outro lado, neste tempo em que a economia tem vindo a ocupar um lugar central em termos mundiais, o movimento desportivo teve de aprender, conhecer e lidar com as questões económico-financeiras. Nesse sentido, passaram a ser relevantes os

aspectos relacionados com a venda e patrocínio de produtos, espaços mediáticos e os impactos capazes de serem medidos na busca de maior rendimento económico possível. Ou seja, o que era antes uma mera competição desportiva passou também a ser competição para além dos espaços desportivos, onde os resultados que importam não são só os desportivos, mas, principalmente os do negócio¹².

No mesmo sentido, Bento¹³ afirma que o desporto está a ser capturado pelos tentáculos do mercado e pela civilização do espetáculo, correndo o risco de se afastar do estádio grego e se abeirar do circo romano, divorciando-se da *aretê* e da *paideia* gregas, e da cultura humanista.

Como tal, o desporto corre o risco de ser instrumentalizado e desviado das suas finalidades primordiais. O desporto profissional mexe com tanto dinheiro que se tornou uma indústria mundial que parece mais orientada para o proveito financeiro do espetáculo que para a própria prática do desporto, o que nos poderá levar a questionar como é que os valores éticos do desporto permanecem e permanecerão íntegros, sobrevivendo no contexto de uma pura lógica empresarial?¹⁴. Num tempo em que o dinheiro tem um lugar central e domina a organização do mundo, importa questionar não tanto ‘o que o desporto faz com o dinheiro’, mas, sobretudo, ‘o que o dinheiro faz ao desporto’.

Estas temáticas e questões constituem-se como grandes indagações e até verdadeiros dilemas que importa refletir com o propósito de se encontrar o caminho a ser trilhado tendo em consideração os valores éticos do desporto.

Vários têm sido os autores e instituições que ao debruçarem-se acerca destas questões têm avançado com algumas ideias ou propostas que importa considerar.

Lumpkin¹⁵ afirma que “Code of ethics, enforcement of rules, sportsmanship offer hope that unethical behaviors will not destroy the beauty and magnificence of the human body in motion in sports (p.133)”*.

Por sua vez Loland¹⁶ defende um profundo diálogo entre instituições políticas e desportivas, internacionais e nacionais, no sentido da definição e articulação de medidas e projetos com vista à defesa e promoção dos valores éticos do desporto, dando uma

* Tradução nossa: “Código de ética, aplicação de regras, desportivismo oferecem esperança de que comportamentos antiéticos não destruam a beleza e magnificência do corpo humano em movimento no desporto”.

especial atenção à educação física e desportiva e à promoção do código de ética desportiva, o qual deverá ser objeto de promoção e de medidas concretas ao nível da sua implementação e respetiva monitorização.

Estas propostas merecem ser tidas em consideração, ser objeto de estudo, de aprofundamento e concretização.

Para além disso, entendemos que devem existir três ideias que poderão ser observadas na busca do referido caminho: o desporto como utopia, a procura de uma (nova) sabedoria para o desporto e a ‘esperança no humanismo dos agentes desportivos’.

O desporto como utopia

Para Santos⁵, utopia é a exploração de novas possibilidades humanas de vida coletiva e individual em nome de algo radicalmente melhor por que vale a pena lutar e a que a humanidade tem direito. Afirma ainda que a utopia tem vindo a regressar ao debate, sobretudo através de iniciativas e experiências sociais, as quais revelam a capacidade humana de construir modos mais justos de viver e de conviver. Acrescenta também que o nosso tempo é o horário das utopias realistas e que este se acelerou com a atual pandemia do novo coronavírus. Uma vez que “muitos dos nossos sonhos foram reduzidos ao que existe e o que existe é muitas vezes um pesadelo, ser utópico é a maneira mais consistente de ser realista no início do século XXI (p. 411)”⁵.

Ao situarmos o conceito de utopia na cultura atual, entendemos que a concretização de uma utopia significa o fim do homem. Porque a concretização de uma utopia corresponde à instalação da perfeição e a perfeição não pode ser na educação e no desporto o objetivo, mas sim o elemento regulador.

Segundo Garcia², os Jogos Olímpicos assumem-se como uma das manifestações onde “[...] o homem busca transcender-se, de transpor os limites da sua condição – fatalmente mortal - , de ascender à dignidade de herói mítico, saindo desse tempo linear para entrar num outro tempo, o tempo do eterno retorno, o tempo do sempre (p. 142)”. E, desse modo, entra no Panteão da Humanidade, dimensão onde se encontram dignos representantes da espécie humana, tais como Leonardo da Vinci, Gandy, Einstein, entre outros.

No mesmo sentido Rubio¹⁷, afirma que os Jogos Olímpicos da era moderna foram concebidos por Pierre de Coubertin com a finalidade de transformar o desporto num empreendimento educativo, moral e social.

O desporto contemporâneo é uma atividade que busca o reencontro com as nossas origens. Tal como nos diz Costa¹⁸ é na origem que se encontra a fonte onde o homem procura continuamente o sentido da sua existência, porque não faz sentido viver uma vida sem sentidos. Ao discorrermos acerca do sentido da nossa existência, vamos encontrar nos desportos algumas respostas que nos podem dar algum conforto uma vez que tanto no desporto como na vida não é somente o que fazemos, mas porquê o fazemos é que explica o êxito ou o fracasso da nossa existência.

Mas isso pode ser uma utopia? Pode ser! Porém, o desporto cumpre uma importante função utópica. Lembramos que a propalada crise dos valores com ênfase no materialismo é responsável, em grande parte, pelo mal-estar que se sente na nossa sociedade. Para Costa¹⁸, uma redescoberta do sentido do desporto e da sua mensagem mítico-religiosa e profética pode ser o caminho da salvação do homem do terceiro milénio.

Nas últimas décadas o desporto tem vindo a assumir o estatuto de um novo deus do nosso tempo, lançando-se numa nova ofensiva de conquista de novas áreas de intervenção¹⁹. É nesta conjectura estética e moral que é conferido ao desporto uma valorização incomum e especial. O *Homo Sportivus* torna-se objeto de culto, com enorme fascínio e atração, por prometer uma vida mais bela, longa e ativa, por transportar o sonho da eterna juventude¹⁹.

O papel do desporto é perseguir esse caminho para a perfeição inatingível pelo que os situamos no campo da concretização da *paideia* e da *aretê*. Tal como nos ensina Manuel Patrício²⁰, o Homem é uma escultura. Para nós, o *Homo Sportivus* também o é. Mas é ao mesmo tempo a pedra, o escultor e a ferramenta. É esta visão deste homem, auto esculpido, que o verdadeiro desporto tem de descobrir.

Por outro lado, no desporto, qual a utopia, canta-se a virtude, mas quem a executa são seres fatalmente humanos. É por isso que no desporto, pode haver lugar à batota, à imoralidade, à corrupção ou à injustiça, mas nem por isso deixa de se constituir numa tremenda utopia²¹. Nesse sentido,

Afirmar a pureza do desporto no campo do ideal é possível e desejável. Afirmar que todos os desportistas pugnam por esta pureza é falsidade. [...] nem todos cumprirão, mas não será pelas exceções que o quadro axiológico do desporto se esfumará. Cumprir e fazer cumprir o ideal original e ação ética do desporto são exigências que se querem universais (p.72)²¹.

Em busca de uma (nova) sabedoria para o desporto

A procura de uma (nova) sabedoria para responsáveis e agentes desportivos é uma utopia a perseguir.

Para Aristóteles²², a sabedoria, enquanto conhecimento, versa sobre as primeiras causas e nobres princípios. É uma ciência que incide sobre certos princípios e causas, “A sabedoria é composta de conhecimento científico e compreensão intuitiva a respeito daquelas coisas que são as mais estimadas e as mais importantes de todas (p. 140-141)”.

De acordo com o ensaísta Tolentino Mendonça²³, o que ilumina, argamassa e alicerça a existência é necessariamente uma sabedoria, a qual significa uma visão global, um olhar de conjunto que abarque não apenas a parte, mas a completude; não apenas o que fomos, mas o que somos e seremos.

Sabedoria é, pois, o saber feito da experiência ou da experiência decantada, assimilada e transformada em vida, que induz um conjunto de qualidades e virtudes que não estão hoje em alta: prudência, ponderação, memória histórica, considerações humanistas em geral²⁴.

Por sua vez, Patrício e Sebastião²⁵ defendem que saber e sabedoria são realidades cognoscitivas diferentes. O saber é o mero conhecimento, exterior ao sujeito que conhece e exterior à relação que o sujeito cognoscente tem com o objeto conhecido. A sabedoria é o conhecimento interiorizado, assumido pela personalidade integral do sujeito cognoscente e tem como caráter fundamental o cuidado: o cuidado pelo objeto do conhecimento, cuidado por si próprio, cuidado pela relação. A sabedoria sabe mais do que o mero saber: sabe da origem, da proveniência, finalmente do sentido.

Estes autores defendem que os educadores necessitam de saber e utilizar vários tipos de conhecimento para bem desempenhar a sua missão e as suas funções educativas: o conhecimento empírico, que emerge e se constitui no âmbito da experiência, o conhecimento científico e as suas aplicações técnicas e tecnológicas, o conhecimento filosófico, o qual capta os princípios das coisas, a sua raiz de ser (raiz ontológica), a sua

relação com muitas outras coisas. Possui também a propriedade da racionalidade integrada do ‘porquê’ e do ‘para quê’, ou seja, a racionalidade do sentido.

Por último, o conhecimento ságico ou sapiencial, o qual está no vértice desta pirâmide de tipos de conhecimento, ou o topo do saber, aquele saber que integra todos os tipos de saber e se configura como arte de viver na sua própria consciência. Não basta saber, é necessário utilizar sabiamente esse saber, impregnando dele a vida e transfigurando esta, assim, em existência. A sageza exige, ou supõe, uma espécie de sintonia perfeita com o ser da realidade. Essa sintonia é respeito, união e exprime-se em harmonia e implica relações. Por outro lado, o ságico é aquele que alia a conduta ética ao conhecimento de um dado tipo de saber.

Dizem-nos os referidos autores que sageza escasseia, algo que também é expresso por Tolentino Mendonça²³: “Ouvimos muitas vezes dizer que à nossa época faltam mestres. Temos especialistas de todo o género, tornámo-nos uma sociedade de peritos [...] Mas faltam-nos guias capazes de fazer uma síntese, competentes na arte de iluminar aquilo que vivemos (p. 37)”.

A sabedoria situa-se para além do sentimento e da razão. As vias da sua procura foram, através dos tempos, múltiplas e variadas, segundo as tradições religiosas e culturais em que se inscreveram. No nosso tempo, e porque é planetária a nossa procura, a sabedoria surge como um ‘não lugar’ meta cultural, uma espécie de referência simbólica última que se substitui à própria religião. É esse o sentido do uso de espiritualidades que, para além das religiões, crenças ou ideologias estabelecidas, parece animar muitos jovens e adultos de hoje²⁶.

Há um século, o cientismo e o positivismo pareciam preparar-se para ocupar todo o espaço. Neste século os dados são outros. De acordo com o investigador e historiador Yuval Harari²⁷, se pensarmos a médio e longo prazo, existem três grandes processos ligados entre si que ofuscam todos os outros problemas e progressos: “i) a ciência está a convergir para um dogma abrangente segundo o qual os organismos são algoritmos e a vida consiste no processamento de dados; ii) a inteligência e a consciência estão a seguir caminhos separados; iii) em breve alguns algoritmos não conscientes, mas de inteligência superior poderão conhecer-nos melhor do que nós próprios (p.444)”.

Segundo o mesmo autor, perante a evolução destas noções, as grandes religiões parecem, muitas vezes, refugiar-se no integrismo da interpretação literal dos seus textos

fundadores, “Porém estes textos nada dizem sobre engenharia genética e inteligência artificial e a maioria dos padres, rabinos e muftis não compreende as inovações na área da biologia e da informática (p. 309)”²⁷.

Em face destas perspectivas, Tolentino Mendonça²³, afirma que necessitamos de sabedoria, de ‘reencontrar o espanto’, um olhar mais longo, uma vez que vivemos num tempo que nos condiciona para olhares breves e observações fugidias. O espanto obriga-nos a refletir sobre o que sabemos de nós próprios e do mundo. O espanto é poder abrir os olhos, poder dar-se conta do que somos, do que está perto de nós, do que está longe. É ganhar um olhar crítico sobre a nossa própria realidade.

Por sua vez, Gomes²⁶ sublinha que resta à sociedade a utopia do retorno à sabedoria primeira, que é a arte de pasmar face ao imenso, ao ignorado, ao insondável mistério que ritma o devir do universo. A última e grande utopia foi sempre, e continuará a ser, a do retorno à simplicidade das coisas.

Perante os grandes desafios que o desporto enfrenta e que poderão colocar em causa a sua essência, princípios e valores, mas sobretudo a sua própria sobrevivência, há que atentar na advertência lançada por Moltmann²⁸: “[...] se os Jogos Olímpicos sofrerem, toda a comunidade universal sofrerá. Se morre a ideia olímpica, é sinal que o nosso futuro está morrendo (p. 109)”.

Nesse sentido, defendemos que imbuir de sageza o desporto é uma necessidade premente. Justifica-se, pois, plenamente, um forte investimento numa pedagogia da sageza junto dos agentes desportivos, em especial nos que desempenham funções de grande responsabilidade nas grandes instituições e clubes.

Esperança no humanismo dos agentes desportivos

Nos tempos atuais, vivemos completamente mergulhados nas lógicas da incerteza e da prevenção de riscos, o que traz ao de cima a própria questão do sentido do humano e dos fins razoáveis que podemos procurar alcançar.

Caracterizada pelo individualismo e pela independência, a pós-modernidade é marcada pelo efémero, pelo imediato e pelo vazio, sobretudo pela falta de utopias, prescindindo-se das normas e dos valores universais, propondo-se um pensamento débil, sem princípios à priori e sem critérios de conexão³.

Por outro lado, numa época dominada pela tecnologia, é fácil verificar que a virtude da humanidade nem sempre acompanha a competência técnica. Ter humanidade é saber viver, respeitar e ajudar os outros a viverem a vida humana com todas as suas vicissitudes e facetas²⁹.

Perante tal diagnóstico, é urgente a humanização da humanidade do homem³⁰. Por outro lado, o humanismo precisa de altruísmo, mas também de confiança e de esperança³¹.

A necessidade da esperança é também enaltecida por Tolentino Mendonça²³, quando afirma

A nossa vida anda tantas vezes, seca, vazia e entristecida. Falta-lhe a música transparente da esperança. Quem vive na esperança testemunha, por exemplo, uma capacidade de apascentar as pequenas coisas, sabendo que nos dão a medida das grandes. E aprende a não desesperar do escuro, porque sabe que há uma luminosidade que cresce na noite e que acabará por vencê-lo. Assim, para quem souber ver, cada dia é um convite a saborear a esperança. O pequeno quinhão de esperança que nos resta é suficiente para relançar uma vida inteira (p.66).

A temática da esperança e da confiança no porvir do ser humano, foi enaltecida por Thomas More, na sua obra *Utopia*³², a qual contribuiu para forjar o mundo moderno. É um texto que se funda numa conceção antropológica essencialmente otimista. Apesar da crítica dos erros humanos, acredita que o homem é suscetível de aperfeiçoamento. Por outro lado, não poderemos propor uma idêntica exegese da conceção antropológica que ditou *O Príncipe*, de Maquiavel³³, pois é em virtude do próprio pessimismo que enforma as ideias inspiradoras dessa obra que não recua perante a adoção da mentira, da astúcia, do engano, e até do crime perpetrado pelo príncipe, se tudo for indispensável para a defesa e engrandecimento do Estado.

Nessa obra o autor³³ refere que os homens são ambiciosos, ávidos de dinheiro, de glórias e honrarias. Por seu lado, More, condena que se eliminem de um modo tão bárbaro, pelo enforcamento, os vagabundos e os ladrões, os quais se tiverem condições e recursos para a sua subsistência deixarão de mendigar e de roubar.

Enquanto Maquiavel³³ sublinha o que na natureza humana existe de negativo, de mefistofélico, Thomas More acredita que o homem pode superar e anular os seus próprios pendoros para a negação, para o mal, lembrando o que Giovanni Pico della Mirandola³⁴, que elegera como seu modelo, havia descrito: o homem pode, se quiser, erguer-se à mais

alta perfeição: Grande milagre, ó Asclépio, é o homem, repete Giovanni Pico, uma frase atribuída a Hermes.

Mais recentemente, Sua Santidade o Papa Francisco³⁵, revela uma grande esperança e otimismo no ser humano quando declara

Para mim, a esperança está na pessoa humana, no que ela tem no seu coração. Acredito no homem. Não digo que ele é bom ou mau, mas sim que acredito nele, na dignidade e na grandeza da pessoa. [...] Apesar de tudo, a história continua em andamento. O homem continua a ter também atitudes altruístas, a escrever coisas muito belas, a fazer poesia, a pintar, a inventar e a desenvolver ciência (p.166).

No que se refere ao desporto, encontramos ao longo da sua história, muitos episódios inspiradores e reveladores do melhor que o ser humano pode e deve ser, em que a ética do desporto não é mera retórica. Entre muitas histórias e exemplos sobre referências desportivas mundiais como Jesse Owens, gostaríamos de salientar dois episódios. O primeiro é relacionado com a FC START, equipa composta por jogadores perseguidos pelas forças nazis, que, em prol dos princípios da ética e da dignidade desportiva, enfrentaram e venceram, em 1942, uma equipa constituída por atletas de ‘raça ariana’, mesmo sendo ameaçados de morte ao intervalo no caso de vitória. Dias depois dessa vitória, a Gestapo levou quase todos os jogadores para o campo de concentração de Siretz onde viriam a ser assassinados.

Outro mais recente, relembra o terrível acidente de aviação, ocorrido em 28 de novembro de 2016, que vitimou a maioria dos jogadores da equipa brasileira de futebol da Associação Chapecoense que ia defrontar a equipa colombiana do Atlético Nacional. Uma vez que a equipa brasileira ficou naturalmente impedida de disputar a final da Taça Sul Americana, o Atlético Nacional solicitou à CONMEBOL (Confederação Sul Americana de Futebol), que o título fosse atribuído à equipa brasileira, em honra e memória às vítimas do acidente, num gesto de humanidade, generosidade e solidariedade, enaltecendo o valor da vida e do ser humano face a um título desportivo que se tornaria desprovido de sentido.

Estes dois exemplos, como muitos outros que são conhecidos, expressam uma mensagem de otimismo e de esperança, que os mais altos valores do desporto, apesar de muitas vezes enfrentarem severas adversidades, continuam, e irão continuar a ser elevados por muitos agentes desportivos ao seu expoente máximo.

Estes casos devem ser bem evidenciados e publicitados pela comunicação social, nas instituições desportivas e nas escolas.

A pedagogia do exemplo ganha aqui um grande relevo e pertinência na perspectiva educativa não só das crianças e jovens, mas também da sociedade em geral.

Por outro lado, se é verdade que vivemos numa sociedade da felicidade paradoxal³⁶ e da decepção³⁷, caracterizada por uma modernização desenfreada, uma competição mundializada, com exigências ao nível da eficácia, da rentabilidade e da sobrevivência económica, também se verifica que esta sociedade hiper individualista não destrói os referenciais morais. A democracia e os direitos do homem beneficiam de uma excecional legitimidade e o neoliberalismo não conseguiu erradicar a base dos valores democrático-humanistas. Os ideais de bem e de justiça estão longe de estar extintos e permitem julgar, criticar e corrigir certos excessos do universo individualista-consumista.

O rumo para o desporto

O desporto tem vindo a desempenhar vários papéis ao longo dos séculos. O poeta Homero fez referência ao desporto na *Ilíada* e na *Odisseia*, por muitos considerados dois textos centrais da cultura europeia. Por sua vez Platão, na sua obra *A República*, defende que a educação dos jovens deve ser aperfeiçoada pelo desporto (ginástica) e pela música³⁸.

Na Grécia Antiga, a educação no desporto e pelo desporto era, antes de tudo, uma idealização moral. A pedagogia era para se desenvolverem as *aretai* (plural de *aretê*) do corpo como a força, a destreza etc. Ao submeter-se o corpo ao esforço e à superação, pretendia-se atingir a beleza externa e ao mesmo tempo aprender a dominá-lo. Porém, o objetivo mais profundo era a educação da alma. O desenvolvimento e aprimoramento tanto de um (corpo) como da outra (a alma) situavam-se na esfera ética.

O segundo ressurgimento dos Jogos Olímpicos deu-se num momento de turbulências sociais, causadas, principalmente, pela revolução social francesa do século XVIII e na lógica económica da revolução inglesa no século XIX. Em 1896, o francês Pierre de Coubertin, em Atenas, fez ressurgir os Jogos Olímpicos da era moderna. Esse emitente pedagogo foi inspirado pela tradição de uma história sagrada, que conseguiu e manteve a união do povo grego.

Desde o seu ressurgimento, o desporto tem vindo a ser confrontado com vários desafios, nomeadamente os relacionados com os aspetos económicos, com a crescente lógica das ciências e de tecnologia e da racionalidade cognitivo-instrumental¹⁹.

Apesar disso, mesmo tendo os ventos desfavoráveis tal como as velas de uma embarcação que aproveita, para sua navegação, até os ventos contrários, o desporto dotado de valores humanistas, culturais e espirituais, fundamentado nos princípios da amizade e da solidariedade, cruzou o oceano de múltiplos riscos, acabou por ganhar a confiança e adesão de milhões de pessoas, tornando-se hoje um dos maiores eventos de enaltecimento e de elevação da humanidade¹⁹ – os Jogos Olímpicos e o Campeonato de Mundo de Futebol constituem o seu expoente máximo. A propósito da dimensão mundial que esta modalidade tem vindo a assumir, Eduardo Galeano³⁹ considerava que "O futebol continua a ser a mais importante paixão popular do mundo, (p.40)" e que o futebol é "a única religião sem ateus (p.15)".

Esses ideais, em grande parte gravados no interior dos templos da Antiga Grécia e sublinhados por Pierre de Coubertin, têm sido os grandes pilares que sustentam a pureza do desporto e fundamentam a sua dimensão ética¹⁹. Enquanto instituição, os Jogos Olímpicos renasceram e desenvolveram-se à luz dos mais sublimes ideais éticos, como a superação de barreiras preconceituosas e a busca da amizade, cooperação e solidariedade entre os povos¹⁹.

Perante tamanha importância, o olimpismo foi considerado por Coubertin como uma religião, exaltando assim os valores religiosos. Nesse sentido, os atletas, dirigentes, adeptos, população e a humanidade inteira deveriam, unidos por laços fraternais, estar ligados à «religião do desporto». É evidente que ninguém vai deixar a sua religião, mas a participação na «religião olímpica» seria um modo de trazer paz à rivalidade religiosa no mundo. Esses sim, são os valores que devemos lembrar e recuperar, a fim de louvar aquilo que de melhor a humanidade concebeu ao longo de toda a sua civilização.

Na modernidade o desporto e a moral estabeleceram uma particular aliança⁴⁰. O privilégio concedido ao desporto pelo sistema pedagógico das *public schools* inglesas ou os vários registos de divulgação dos ideais de Pierre de Coubertin são exemplos eloquentes da anexação do desporto à moral, trajetória em que a performance desportiva foi pensada como uma via moderna de ‘musculação’ moral do indivíduo. Tratava-se não

só de uma moral, de uma elevação virtuosa do indivíduo, mas também de uma moral de regeneração social.

Os Jogos Olímpicos surgiam neste contexto como ofício solene que celebra a civilização do respeito mútuo entre povos, segundo uma moralidade que cultiva o gosto pela luta, o sentido do esforço, a solidariedade e a abnegação. Por outro lado, exaltam a força, a beleza, a perseverança, a harmonia, o sincronismo, a alegria, a intensidade e o excesso, e despertam em todos uma profunda lembrança que gira em torno do nosso íntimo. Ali está plasmada a alma humana. Num momento, somos corpo feito de alma e uma alma em forma de corpo.

Nos tempos mais recentes, o corpo atlético, particularmente o do alto rendimento, tornou-se metáfora da superação de si e lugar de sacralização de quase ilimitados recursos tecno científicos. Atualmente, a performance desportiva de alta competição é frequentemente vista como ritualização ou teatralização de um modo de civilização – a civilização tecnocrática. O desempenho dos corpos no campo desportivo pode ser compreendido como concretização daquela mitologia do progresso que moldou a experiência do tempo na modernidade. Como a performance tecnoindustrial dá corpo a uma vontade de dominação do mundo, assim o lema *citius, altius, fortius*, correspondendo ao ideal moderno de racionalização, enuncia uma vontade de expansão e afirmação do ‘eu mesmo’ (*self*) sobre o mundo, uma ambição de agigantar a distância entre si e os outros por meio de uma exploração metódica de determinados parâmetros⁴⁰.

Este desígnio de transcendência horizontal – em relação a si e aos outros – chega a criar a possibilidade de uma espiritualidade (não necessariamente de uma espiritualidade em sentido religioso, mas sim no equilíbrio entre matéria e espírito que todos os seres humanos têm de encontrar para se sentirem felizes) e uma ética do esforço e do domínio de si. Por outras palavras, uma ascese. Em última análise, o desporto de alto rendimento exprimiria uma vontade de poder que nasce da luta de superação de uma radical incompletude existencial, no intuito de cicatrizar o narcisismo ferido do indivíduo diluído na cultura massificada. O desporto pode, assim, ser interpretado como uma dramaturgia capaz de condensar e simbolizar o vivido. Do campo especializado ao quotidiano dos cidadãos, os novos imperativos morais passam pela ascese desportiva⁴⁰.

Recentemente temos vindo a assistir a uma pluralidade de modelos de homem, e alguns provocam-nos angústia e inquietação. Também em outras áreas da sociedade fala-

se do homem ‘light’, avesso ao esforço, ao suor, ao sacrifício, à disciplina, à persistência, ao rigor e aos compromissos¹⁹. Porém, tal não deve ser tido em conta no desporto, uma vez que o homem apresenta uma ânsia constante pela transcendência que o projeta para novos desafios e progressos¹⁹. Nessa perspectiva, o desporto sublinha a ética do trabalho, da dedicação, do suor e não, como escreve Lipovetsky⁴¹, a ética indolor.

Este ideal de perfeição é tão acentuado que aponta para além dos limites humanos naturais e leva alguns a equiparar o homem a uma máquina. Efetivamente, com treino e com a intervenção de outros meios, muitos esperam ver o milagre de criação, ou seja, o de fabricar e regular o homem como uma máquina, que funcione de modo tão rigoroso e perfeito como um relógio muito fiável. Este modelo instrumental e mecanicista parece exercer um domínio muito grande no *Homo Sportivus*. Nessa perspectiva vê-se definir o princípio de Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas”⁴². Em seu lugar tende a surgir outra máxima: a máquina e o algoritmo são as medidas de todas as coisas humanas.

No desporto em geral encontra-se já em concretização a ideia de aperfeiçoamento e no desporto de alto rendimento procura-se associar, cada vez mais e intensamente, o “*Homo Sportivus*” e o “*Homo Technicus*”¹⁹. O corpo dopado comprova, de certo modo, esta associação e a dimensão atingida pela componente científica e técnica.

O “mundo da técnica” é hoje bem evidente tendo efeitos devastadores sobre o pensamento e a vida dos homens. Porém, o “mundo da técnica” não pode visar dominar o ser humano, mas sim para ajudá-lo a compreender o mundo e poder, ocasionalmente, servir-se dele com vista a atingir certos objetivos superiores: a liberdade e felicidade do homem¹⁹. Com este «mundo da técnica» assistimos ao desaparecimento da preocupação com os fins e os objetivos últimos da história humana, em benefício único dos meios.

Neste tempo de elevada crença na ciência e na possibilidade de reprodução técnica do homem, o “*Homo Sportivus*” parece estar de mãos dadas com o “*Homo Technicus*”¹⁹. Esta situação poderá ter implicações imprevisíveis para o futuro do desporto. Assim, será que iremos passar a escolher e encomendar por catálogos os jovens talentos desportivos, fabricados a pedido, segundo referências do material genético? Aliás, a dopagem genética pode vir a ser uma realidade com delineamentos preocupantes para o desporto no futuro.

Nesse sentido, há que refletir sobre todas estas questões, de modo a questionar: quem é o homem que é possível realizar no desporto? Quem está a levar a melhor: a

herança grega ou a perversão latina e romana? Na esteira de Manuel Patrício⁴, podemos perguntar ainda: que homem cumpre formar, pelo desporto, em cada homem?

Por outro lado, se uma escola sociológica defende a existência na sociedade de uma vaga dionísica, uma outra diagnóstica, no extremo posto, a irrupção de uma cultura assente nos ideais de competição e de autossuperação.

O desporto constitui uma esfera significativa do universo concorrencial hipermoderno. Atualmente, os atletas, as competições desportivas, os recordes são omnipresentes nos meios de comunicação social, cada vez mais os desportos de risco, os desportos de aventura, as proezas individuais, o ‘radical’ são constantemente notícia. Vemos assim uma sociedade fascinada pelos desafios, a paixão de vencer, a otimização das capacidades físicas: ganhar, fazer algo de excepcional, investir na performance por todos os meios. Com o desporto contemporâneo, as práticas que exprimem a superação das capacidades de cada um tornaram-se num acontecimento social de maior importância. É nesse contexto que temos assistido ou tomado conhecimento de tantos excessos.

Defendemos que nem tudo vale para se conquistar triunfos e ultrapassar recordes. Tem de haver um limite ético e esse limite é o quadro axiológico por onde o desporto se rege. Pierre de Coubertin, plasmou para todo o sempre esses valores. A conceção de desporto por ele desenvolvida na sua *Ode Olímpica*, documento extremamente importante porque revela a verdadeira filosofia do seu mentor, considera o desporto como prazer dos deuses, beleza, audácia, alegria, fecundidade, progresso e paz, numa clara perspectiva humanista. O desporto é, tem de ser, o paradigma da verdade, da ética.

O apelo vai no sentido de o desporto não renunciar a alguns valores que civilizacionalmente o moldaram e que o apresentam como uma expressão de cultura, com valor pedagógico. A Grécia Antiga deve constituir-se como uma espécie de reserva moral para a sua prática⁴³. É nesse tempo e nesse lugar que muitas vezes se quer fundamentar o valor do desporto. Foi aí que Coubertin buscou inspiração para os Jogos Olímpicos da era moderna. A Grécia Antiga constitui-se, pois, como uma metáfora para o desporto, o seu tempo primordial, carregando em si uma nostalgia própria das origens. É nesse tempo, mítico para o desporto, que repousam as suas raízes mais profundas. É um tempo idealizado onde se percebem os superiores valores do desporto.

Os desafios que se colocam atualmente ao desporto não são diferentes dos que se colocam aos restantes domínios sociais. No essencial são os mesmos. E por isso uma

‘ética’ para o desporto é tributária de ‘ética’ para a sociedade. A sociedade terá igualmente de o entender, sob pena de continuar a pedir ao desporto o que ele, por si só, não está em condições de oferecer. Para que tal objetivo possa vir a ser alcançado é necessária uma sociedade mais civilizada, com pessoas mais bem-educadas, mais bem formadas, numa sociedade com referências e valores.

Nessa perspectiva, o desporto deverá ter a capacidade de se adiantar relativamente à sociedade, apontando o sentido que esta deverá seguir. É, pois, evidente que o Desporto deve estar ao serviço do Homem. Como nos diz Kant, o Homem não tem preço, mas dignidade, porque é o fim em si mesmo. A origem do desporto está intimamente ligada ao próprio homem, sendo então legítimo considerar o desporto como um símbolo de conceção antropocêntrica.

A dependência do desporto terá de ser perante valores culturais e sociais e não outros, uma vez que só assim nos pode ajudar a encontrar um sentido para a vida¹⁹. Um desporto onde as práticas e as competições evidenciem, de um modo muito claro, uma perspectiva de integração social e não de exclusão.

Na senda do Mito do Eterno Retorno, de Mircea Eliade⁴⁴, há que retornar à nossa identidade primeira, à nossa matriz fundadora e aí resgatar os princípios que estruturaram o nosso ser. Esse retorno poderá ser considerado como uma eventual estratégia que permita nos excedermos a nós próprios no âmbito educativo e formativo.

Considerações finais

Queremos terminar esta reflexão reavivando três noções fundamentais. A primeira estimula a conceção de que a ética é um valor decisivo quando se fala no Homem. É em torno deste valor que o desporto tem de se organizar. Uma ética centrada no esforço. Uma ética centrada no dever. Uma ética centrada no respeito pelo outro.

Por tudo isto, digamos como Garcia e Lemos⁴⁵:

Quando vemos a alegria de uma criança quando tem uma bola;
Quando vemos a alegria de um povo quando o seu clube ou país ganha um jogo;
Quando vemos as lágrimas de uma pessoa por causa de uma derrota;
Quando vemos o desespero de alguém em virtude de um golo falhado;
ou
Quando vemos que até as guerras pararam para que se possa assistir a uma final de futebol (p.107).

Temos de concluir que o desporto assume uma grande importância na realização do homem. É o campo dos sonhos, da poesia e da utopia, onde o homem pode demonstrar quão humano é⁴³. Por tudo isto vale a pena lutar pelo desporto, o qual deve estar assente numa visão ética da pessoa humana.

A segunda noção é que a ética do desporto deverá ser entendida como limite do homem. Sua Santidade o Dalai Lama⁴⁶ afirma que a “ética é indispensável como mediadora entre as exigências contraditórias do nosso e do alheio direito à felicidade (p.107)”.

Por outro lado, tendo em conta as enormes potencialidades que o desporto evidencia, não podemos deixar de estar vigilantes perante as incitações ou contrariedades a que está sujeito, nomeadamente ao nível da alta competição, o que implica a necessidade de a ética estar em permanente estado de alerta no sentido de defender, de um modo intransigente, os valores éticos que o fundamentam.

Tal como nos diz Duran González⁴⁷, utilizando uma feliz metáfora, poderemos considerar a competição desportiva como uma espécie de cavalo com tendência e muita vontade de correr com a rédea solta. São necessários bons ‘cavaleiros’ (com formação ética) que o conheçam bem para apertar as rédeas, para manter o seu controlo, ou seja para o guiar na senda da sua intenção educativa.

Por último, uma mensagem de carácter pedagógico que desejamos transmitir aos distintos agentes desportivos: a imagem do mito Sísifo. Assim, pretendemos sensibilizar cada um a ser um Sísifo, ou seja, voltado para a busca da condição humana.

Levar a pedra ao cimo da montanha, deixá-la cair monte abaixo, regressar ao ponto de partida, para recomeçar esta eterna tarefa, é a melhor metáfora para uma verdadeira ética do desporto. Não basta conseguir uma vez; depois de uma vez há que haver uma segunda, uma terceira; uma infinidade de vezes. Depois de uma tarefa realizada com êxito seguir-se-ão infinitas tarefas que terão de ser realizadas com o mesmo êxito. Sísifo ensinou-nos isso.

Referências

- 1 Constantino J. O desporto não é mais o mesmo! *Olimpo Revista do Comité Olímpico de Portugal*. 2017;(151):5.
- 2 Garcia R. *Antropologia do Esporte*. Rio de Janeiro: Editora Shape; 2007.
- 3 Coutinho MP. Ética e educação. In: Patrão Neves M do C (ed). *Ética Dos fundamentos às práticas*. Lisboa: Edições 70, Lda.; 2016. p. 225–44.

- 4 Patrício M. *Lições de Axiologia Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta; 1993.
- 5 Santos BS. *O futuro começa agora. Da pandemia à utopia*. Lisboa: Edições 70, Lda.; 2020.
- 6 Morin E. *O método V. A humanidade da humanidade. A identidade humana*. Nem Martins: Publicações Europa América; 2003.
- 7 Mosquera-González MJ, Pato AS. *Modèle éducatif de la «non violence» et du fair-play pour le sport et pour la vie. Les règles éducatives à travers le Code de la « non-violence » et du fair-play [Educational model of “not violence” and fair play for the sport and for the life. The educational rules through the Code of the “not violence” and fair play]*. *Movement & Sport Sciences*. 2018;(92):57–62.
- 8 Loland S, Hoppeler H. *Justifying anti-doping: The fair opportunity principle and the biology of performance enhancement*. *European Journal of Sport Science*. 2012;12(4):347–53. doi:10.1080/17461391.2011.566374
- 9 Nowy T, Breuer C. *Match-fixing in European grassroots football*. *European Sport Management Quarterly*. 2017;17(1):24–44. doi: 10.1080/16184742.2016.1193212
- 10 Bomtempo TV. *Doping genético e eugenesia: diálogos além do esporte*. *Revista Latinoamericana de Bioética*. 2016;16(31–2):82.
- 11 Lowther M, Digennaro S, Borgogni A, Parry Lowther A. *Exploring and establishing a framework for effective governance in European grassroots sports organisations*. *Journal of Applied Sport Management*. 2016; 8(1):80-104. doi: 10.18666/JASM-2016-V8-I1-6234
- 12 Monteiro A, Garcia R. *O legado axiológico dos Jogos Olímpicos*. Lisboa: Comité Olímpico de Portugal; 2016.
- 13 Bento JO. *Do desporto: Necessidade de recordar e avivar o seu legado*. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*. 2019;3:1-26. doi: 10.30937/2526-6314.v3.id73
- 14 Renaud M. *O Desporto como metáfora da existência humana*. In: Renaud M (ed). *Ética e Valores no Desporto*. Porto: PNED / Edições Afrontamento; 2014. p. 13–24.
- 15 Lumpkin A. *Modern sport ethics: a reference handbook*. Second Edition. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC; 2017.
- 16 Loland S. *Ethics in sport – current and future challenges*. In: *Ethics and sport in Europe*. Strasbourg: Council of Europe; 2011. p. 175–82.
- 17 Rubio K. *Identidade heroica e narrativas biográficas: A memória do esporte por atletas olímpicos*. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*. 2019;3:1–24. doi: 10.30937/2526-6314.v3.id85
- 18 Costa A. *Desporto e Antropologia*. In: Pereira A, Costa A, Garcia R, (eds). *O Desporto entre lugares O lugar das Ciências Humanas para a compreensão do desporto*. Faculdade de Desporto - Universidade do Porto; 2006. p. 37–72.
- 19 Pereira A. *O sentido (pedagógico) do desporto*. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*. 2010;1(1):5–11.
- 20 Patrício M. *Perenidade da Aretê como horizonte apelativo da Paideia. Sobre a excelência em educação*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2008;8(2):287–95.
- 21 Garcia R, Cunha A. *Jogos Olímpicos. Sob o signo da utopia*. Lisboa: Visão e Contextos, Edições e Representações, Lda.; 2016.
- 22 Aristóteles. *Ética a Nicómaco*. Lisboa: Quetzal; 2004.
- 23 Tolentino Mendonça J. *O pequeno caminho das grandes perguntas*. Lisboa: Quetzal; 2017.

- 24 Clemente M, Rocha P. Uma casa aberta a todos. 3ª edição. Prior Velho: Paulinas Editora; 2013.
- 25 Patrício M, Sebastião L. Conhecimento do Mundo Social e da Vida. Passos para uma pedagogia da sagesa. Lisboa: Universidade Aberta; 2004.
- 26 Gomes T. Utopia e sociedade. Em: Centeno Y, editor. Utopia Mitos e formas Compilação das comunicações apresentadas no colóquio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 1993. p. 473–81.
- 27 Harari Y. *Homo Deus: História Breve do Amanhã*. Amadora: Elsinore; 2017.
- 28 Moltmann, J. Olímpia entre a política e a religião. *Revista Consilium*. 1989;(225):107–15.
- 29 Brito J. Ética geral e éticas aplicadas. In: Patrão Neves M do C (ed). *Ética Dos fundamentos às práticas*. Lisboa: Edições 70, Lda.; 2016. p. 286–98.
- 30 Reimão C. A Ética no contexto das Ciências Humanas. In: Patrão Neves M (ed). *Ética Dos fundamentos às práticas*. Lisboa: Edições 70, Lda.; 2016. p. 245–62.
- 31 Willaime J-P. As condições socioculturais da religião na ultramodernidade contemporânea. Em: Borges A, editor. *Deus ainda tem futuro?* Lisboa: Gradiva Publicações, Lda.; 2014. p. 21–51.
- 32 Morus T. *A Utopia*. 6ª Ed. Lisboa: Guimarães Editores, Lda; 1985.
- 33 Maquiavel. *O Príncipe*. Lisboa: Edições Sílvio; 2007.
- 34 Pico della Mirandola G. *Discurso sobre a Dignidade do Homem*. Lisboa: Edições 70, Lda.; 2006.
- 35 Ambrogetti F, Rubin S. *Papa Francisco. Conversas com Jorge Bergoglio*. Prior Velho: Paulinas Editora; 2013.
- 36 Lipovetsky G. *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70, Lda.; 2007.
- 37 Lipovetsky G. *A sociedade da decepção*. Lisboa: Edições 70, Lda.; 2012.
- 38 Platão. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2017.
- 39 Galeano E. *Futebol: Sol e Sombra*. Lisboa: Livros de Areia Editores; 2006.
- 40 Teixeira A, Tolentino J, editores. *Desporto, ética e transcendência*. Lisboa: Edições Afrontamento; 2016.
- 41 Lipovetsky G. *O crepúsculo do dever. A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações D. Quixote; 1994.
- 42 Infopédia. *Protágoras - Infopédia* [citado 1 jun 2021]. Infopédia - Dicionários Porto Editora.. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$protogoras](https://www.infopedia.pt/$protogoras)
- 43 Garcia R. A herança: a utopia da maratona. In: Pinto P (ed). *Olímpico: os jogos num percurso de valores e de significados*. Lisboa: PNED / Edições Afrontamento; 2013. p. 57–66.
- 44 Eliade M. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, Lda.; 1999.
- 45 Garcia R, Lemos K. *Temas (quase éticos) de Desporto*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física; 2009.
- 46 Dalai Lama. *Ética para o novo milénio*. Lisboa: Círculo de Leitores; 2000.
- 47 Duran González J. *Ética de la competición deportiva: Valores y contravalores del deporte competitivo*. *Materiales para la Historia del Deporte* 2013;(11):89–115.